

## DESAFIOS ENCONTRADOS PELA ENFERMAGEM EM PACIENTES EM CUIDADOS PALIATIVOS

Ana Tércia Alves da Silva Cardoso<sup>1</sup>

**RESUMO:** A atuação do enfermeiro frente aos pacientes que exigem cuidados paliativos exige que ele tenha uma postura assertiva, firme e adequada, tendo em vista que esses tipos de cuidados são oferecidos visando o conforto e uma maior qualidade de vida ao paciente em fase terminal. Diante desses fatos, o presente estudo teve como objetivo identificar e analisar os principais desafios encontrados pela equipe de enfermagem em relação a pacientes em cuidados paliativos. Para se obter os dados e informações necessários para a fundamentação da pesquisa em questão, a metodologia utilizada foi a bibliográfica, por meio de livros, artigos científicos, revistas, periódicos, teses, dissertações, monografias e outros materiais de caráter científico que se julgaram pertinentes no decorrer do estudo. Ao final deste artigo, o que se percebeu é que a equipe de enfermagem ainda encontra uma série de desafios em relação aos pacientes em cuidados paliativos, sendo que os mais expressivos estão relacionados diretamente à sua postura e a falta de conhecimentos em como agir em uma situação como essa, além da sobrecarga física, emocional e psicológica que o cuidado com pacientes terminais pode trazer ao enfermeiro em uma situação como essa.

1216

**Palavras-Chave:** Desafios. Enfermeiro. Cuidados paliativos.

**ABSTRACT:** The role of nurses in relation to patients who require palliative care requires them to have an assertive, firm and adequate posture, given that these types of care are offered with a view to comfort and a better quality of life for the terminally ill patient. Given these facts, the present study aimed to identify and analyze the main challenges encountered by the nursing team in relation to patients in palliative care. In order to obtain the data and information necessary for the foundation of the research in question, the methodology used was bibliographic, through books, scientific articles, magazines, periodicals, theses, dissertations, monographs and other materials of a scientific nature that were deemed relevant. during the course of the study. At the end of this article, what was noticed is that the nursing team still faces a series of challenges in relation to patients in palliative care, the most expressive of which are directly related to their posture and the lack of knowledge on how to act in a situation like this, in addition to the physical, emotional and psychological burden that caring for terminally ill patients can bring to nurses in a situation like this.

**Keywords:** Challenges. Nurse. Palliative care.

---

<sup>1</sup> Pós-Graduação em Emergência, Urgência e UTI. Pós-Graduação em Saúde Pública. Faculdade Alpha.

## INTRODUÇÃO

Os cuidados paliativos (CPs) podem ser definidos como aqueles que são realizados pela equipe de enfermagem aos pacientes em fase terminal de sua doença, assim como a seus familiares. Esse tipo de cuidado é essencial nesse momento porque o paciente exige um cuidado mais direcionado, tendo em vista o progresso incurável de alguma patologia ou o processo natural de envelhecimento.

Nesse sentido, a função dos profissionais envolvidos neste processo é deveras complexa, afinal, cuidar de pessoas que não veem mais a possibilidade de cura é algo que requer um grande preparo do profissional de saúde para garantir que este indivíduo e sua família tenham qualidade de vida desde o momento do diagnóstico da doença até o momento do óbito (BRAGA; QUEIROZ, 2013).

A palavra paliativo advém de *palliare* que, em latim, significa “cobrir com manto” e *pallium*, que significa “tapar, encobrir, ocultar (SANTANA et al., 2009), em outras palavras, oferecer ao paciente em fase terminal o tratamento mais eficaz e mais adequado para os possíveis sintomas de desconforto que pode apresentar, sejam eles causados pela doença ou pelo tratamento em si.

1217

Esse tipo de cuidado que se tem aos pacientes em fase terminal da doença, assim como é conhecido atualmente, surgiu na década de 1960 com Cicely Saunders, que foi o fundador do primeiro hospital voltado para pacientes que estavam fora de possibilidades de cura, o *St. Christopher's Hospice*, na Inglaterra (SANTOS, 2011). A partir desse momento, este tipo de atendimento passou a crescer, assim como o número de unidades especializadas para este fim, gerando mais discussões a respeito deste tema.

Em 1990, a Organização Mundial de Saúde (OMS) fez a primeira publicação em relação a este tema, definindo que estavam relacionados “aos cuidados paliativos totais e ativos dirigidos a pacientes fora de possibilidade de cura” (MACIEL, 2008, p. 16). No entanto, em 2002, sua definição foi aprimorada, passando-se a delegar aos envolvidos com cuidados paliativos a função de, além de prover o mínimo para o alívio da dor e os desconfortos físicos, prestar suporte religioso e psicossocial ao paciente e seus familiares (BRAGA; QUEIROZ, 2013).

Nesse contexto, ressalta-se, então, a importância da atuação do profissional da enfermagem, pois este representa o elo entre o paciente, seus familiares e o resto da equipe. Além disso, é o enfermeiro que passa a maior parte do tempo com este paciente e com a sua família, fazendo com que se criem laços afetivos entre todos os envolvidos (COUTO; RODRIGUES, 2020).

Desse modo, o enfermeiro precisa estar munido de todo o conhecimento teórico e prático acerca das necessidades que o paciente apresenta, levando em consideração a fase terminal com circunstâncias crônicas e degenerativas para determinar o tipo de atendimento que mais se adequa (COUTO; RODRIGUES, 2020).

Compreendendo a relevância desta temática para todos aqueles envolvidos com o processo de cuidados paliativos em pacientes terminais, o presente estudo pretendeu elucidar o seguinte problema de pesquisa: Quais são os principais desafios encontrados pela enfermagem em pacientes em cuidados paliativos? Para responder esta pergunta, foi proposto o seguinte objetivo geral: Identificar e analisar os principais desafios encontrados pela equipe de enfermagem em relação a pacientes em cuidados paliativos. Como objetivos específicos, foram estabelecidos os seguintes: Evidenciar o conceito e a trajetória histórica dos cuidados paliativos; Elencar os pilares dos cuidados paliativos em pacientes terminais; Relatar a respeito dos aspectos éticos e bioéticos e dos princípios fundamentais; Analisar os principais desafios encontrados pela enfermagem em pacientes em cuidados paliativos.

Entende-se a pertinência deste estudo tendo em vista a necessidade de se conhecer os principais desafios que norteiam a prática paliativa pela equipe de enfermagem, de maneira que se possa oferecer uma assistência de qualidade aos pacientes em estado terminal, assim como um suporte adequado à sua família, visando sempre o bem-estar de todos os envolvidos.

Logo, é importante saber como este cuidado está sendo feito atualmente e quais são as maiores dificuldades e os maiores desafios que o enfermeiro está enfrentando nesse sentido, de modo que se possam criar alternativas viáveis que permitam sanar estes problemas, atendendo tanto as necessidades de pacientes e seus familiares, como da equipe de enfermagem que está prestando os cuidados paliativos.

## MATERIAIS E MÉTODOS

A respeito dos materiais e métodos adotados para a realização deste estudo, é importante destacar que o mesmo se tratou de um artigo de revisão, ou seja, fez uso de dados e informações advindos de fontes secundárias, que já foram submetidos a uma análise anterior. Nesse caso, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, que, de acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 54):

[...] é elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa.

Sendo assim, as fontes de pesquisa utilizadas para se obter as informações e dados necessários para a fundamentação teórica do presente estudo foram SciELO e Google Acadêmico, sendo que esta pesquisa foi realizada entre o período compreendido entre janeiro e fevereiro de 2022. Para selecionar os materiais que mais tivessem relação com a temática proposta, foram usados os seguintes descritores: desafios; enfermeiro; cuidados paliativos, em qualquer idioma, sendo que o período selecionado para a busca do referencial teórico foi entre 2005 e 2022. Os resultados obtidos foram os seguintes (Quadro 1):

Quadro 1 – Resultados da pesquisa bibliográfica

FONTE	DESCRITORES	RESULTADOS
Google Acadêmico	Desafios; enfermeiro; cuidados paliativos	15.200
	Exluindo-se as palavras: crianças, neonatal, pediátrico, oncológico	5.610
	Desafios da enfermagem em cuidados paliativos	101
SciELO	Desafios; enfermeiro; cuidados paliativos	0
	Cuidados paliativos	32

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Diante dos resultados obtidos na pesquisa bibliográfica, em relação aos materiais obtidos pelo Google Acadêmico, para selecionar aqueles que realmente fossem pertinentes ao tema em questão, foram lidos todos os títulos de todos eles, onde, então, chegou-se a um total de 19 estudos que foram efetivamente utilizados para a realização desta pesquisa.

Em relação à base SciELO, primeiramente, não se obtiveram estudos com os descritores informados, então, foram escolhidos outros, conforme mencionado no Quadro 1, quando, então, se obteve um total de 32 materiais, os quais também tiveram todos os seus títulos lidos para que, ao final, fossem escolhidos os mais relevantes, chegando a um total de seis.

Após a seleção dos materiais que comporiam o estudo em questão, os resumos de todos eles foram lidos para que se pudesse evidenciar a sua relação com o tema investigado, para que, então, pudessem ser utilizados a fim de fundamentar as informações e dados informados. Foi realizada também uma comparação entre eles, a fim de verificar as semelhanças e diferenças entre os autores a respeito do que se está pesquisando, procurando evidenciar os principais desafios encontrados pelo enfermeiro em relação aos pacientes em cuidados paliativos.

Para análise dos dados, fez-se uso do método qualitativo, ou seja, não foram usados dados estatísticos ou numéricos para se chegar a um resultado, tendo em vista que o objetivo principal foi analisar os desafios do enfermeiro em relação aos pacientes em cuidados paliativos, não tendo a intenção de se obter a quantidade de enfermeiros que encontram desafios nesse sentido. A análise, então, levou em consideração as informações obtidas para entender o fenômeno em questão com uma maior profundidade, por meio de dados empíricos, coletados de forma sistemática.

## **CUIDADOS PALIATIVOS: CONCEITO E TRAJETÓRIA HISTÓRICA**

Os cuidados paliativos podem ser definidos como aqueles que são realizados pelos profissionais da saúde que visam a melhoria da qualidade de vida dos pacientes e seus familiares diante de uma doença terminal, por intermédio da prevenção, de maneira a aliviar o sofrimento precocemente, fazendo uma avaliação detalhada, tratando a dor e os problemas físicos, psicossociais e espirituais (BOTOSSI, 2021).

Nesse sentido, este tipo de cuidado é realizado a partir do momento em que se constata que não há mais outros tratamentos possíveis que possam levar o paciente à cura, de modo que os profissionais da saúde tomam medidas e atitudes que visam o bem-estar e o conforto desse indivíduo o quanto possível, até que venha a falecer (RENTEV, 2014).

Assim sendo, entende-se que a equipe de enfermagem, que são os profissionais que mais se relacionam com os pacientes enquanto estão internados, precisam desempenhar esse papel a partir de uma visão humanística em que, apesar de a cura não ser possível, a sua relação com o paciente não deve se modificar, pois poderá trazer benefícios para ambos (MONTEIRO et al., 2014).

O termo paliativo deriva da palavra *hospice* que, nos primórdios, dizia respeito a antigos abrigos que eram destinados ao conforto e ao cuidado com peregrinos e doentes que, muitas vezes, morriam nesses locais. A palavra *hospice*, de acordo com Saunders (2006), foi utilizada pela primeira vez em 1942, na França, pela Madame Jeanne Garnier, que foi a fundadora de instituições que cuidavam de pacientes em estado precário de saúde.

Pessini (2005) diz que o chamado “*Movimento Hospice*” teve seu início em meados do século XX, pela enfermeira, assistente social e médica inglesa Cicely Saunders, quando trabalhou com pacientes em estado terminal e, por presenciar o sofrimento dessas pessoas, foi em busca de alternativas que pudessem minimizar e aliviar a dor e o sofrimento inerentes ao final da vida, conciliando metodologias em relação aos aspectos orgânico, psicoemocional, social e espiritual do doente e daqueles que participam de sua vida. Assim sendo, em 1967, em Londres, Cecily fundou o *St. Christopher Hospice*, onde ela pode difundir toda sua experiência por meio de serviços *home care*, estudos e uma avaliação do trabalho do *hospice* (SECPAL, 2012).

1221

Nesse mesmo período, nos Estados Unidos, a médica psiquiatra Elizabet Kubler-Ross estava desenvolvendo teorias a respeito dos estágios psicológicos dos moribundos, os quais acabaram se repercutindo por todo o país, fazendo com que o conceito de *hospice* fosse implantado. Desse modo, em 1982, foi oficialmente criado o primeiro *Hospice* nos Estados Unidos, em Connecticut (FOLEY, 2005; KUBLER-ROSS, 2001).

A partir dos anos 1980, a Organização Mundial de Saúde (OMS) criou um grupo de trabalho que teve a responsabilidade de definir as políticas relacionadas ao alívio da dor e os cuidados para doentes com câncer, de modo que o termo “cuidados paliativos” passou a ser oficialmente utilizado, tendo em vista com não havia como se traduzir literalmente o termo “*hospice*” (FOLEY, 2005).

No ano de 1986, a OMS criou o primeiro conceito de cuidados paliativos, o qual dizia que esse tipo de cuidado estava destinado “a pacientes fora da possibilidade de cura, cuidados

esses, ativo e total, para controle da dor e outros sintomas, assim como problemas psicossociais e espirituais, objetivando a melhora da qualidade de vida tanto para o paciente como para sua família” (GUADANHIM, 2017, p. 17).

Já a partir de 2002, através da publicação do *The Solid Facts os Palliative Care e Better Care of the Eldery*, ficou definido que os cuidados paliativos deveriam ser implantados em sistemas nacionais de saúde e não deveriam estar restritos apenas a pacientes com câncer, de modo que deveriam ser aplicados em outras áreas do conhecimento, como pediatria, geriatria, HIV/AIDS e doenças crônicas. Além disso, Davies e Higginson (2004) enfatizam a necessidade de formação profissional para poder atender pacientes por meio dos cuidados paliativos, bem como a importância de informar a população sobre os benefícios e princípios da área.

Ainda em 2002, a OMS fez uma revisão no conceito de cuidados paliativos, de maneira a ampliar a sua cobertura, contemplando também todas as doenças e devendo ser aplicável o mais precocemente possível, incluindo o período de luto (WHO, 2018).

## OS PILARES DOS CUIDADOS PALIATIVOS EM PACIENTES TERMINAIS

1222

Os cuidados paliativos têm tido uma importância cada vez maior para os pacientes em estado terminal e também para os seus familiares, tanto é que a OMS estima que todos os anos mais de 40 milhões de pessoas precisarão de cuidados nesse sentido em algum momento de sua vida. Diante desse cenário, o que se evidencia é que muito já tem sido feito para que esses cuidados sejam efetivos e de qualidade, de maneira que o número de instituições que têm investido nessa área tem aumentado a cada ano (PORTAL HOSPITAIS BRASIL, 2021).

Em pacientes terminais, conforme já mencionado, os cuidados paliativos são fundamentais, pois visam proporcionar conforto e bem-estar em um momento bastante delicado, não apenas para o doente, mas extensivo também a toda família. Por ser um momento de muitas dificuldades, o enfermeiro acaba tendo um papel crucial nesse contexto, pois ele é o profissional que acaba tendo uma relação mais próxima com o paciente e seus familiares.

Nesse sentido, é fato que o sofrimento advindo de outras áreas, que não somente a física, como a espiritual, emocional e social, influenciam nos sintomas, de maneira que os

principais sintomas físicos são: dor, fadiga, anorexia, dispneia, gastrointestinais, psíquicos, dentre outros (IGLESIAS et al., 2016).

Entende-se, então, que os cuidados paliativos, para que realmente sejam efetivos e tragam os resultados esperados, precisam estar baseados em quatro pilares: comunicação efetiva, sintomas adequadamente controlados, alívio do sofrimento por meio de ações e apoio à família durante o tratamento e o luto (SERRANO, 2017).

É importante, neste contexto, que o enfermeiro esteja preparado para identificar informações pertinentes aos sintomas do paciente, como a sua localização, a intensidade, a qualidade, a duração, a frequência, para que possam ser tomadas ações no sentido de aliviar os agravos, fazer uso de medicamentos adequados, permitir que ele se expresse, que fale sobre experiências anteriores, traumas e medos, enfim, tanto o paciente quanto a família precisam se sentir amparados, protegidos, para que possam enfrentar essa situação da melhor maneira possível (IGLESIAS et al., 2016).

Além dos pilares mencionados, ressalta-se também a importância de sempre se respeitar a autonomia da pessoa, seus valores e prioridades, assim como o papel do enfermeiro deve procurar sempre ser ético e justo, tendo como objetivo maior a redução do sofrimento e da dor, que beneficiam todos os envolvidos.

## OS ASPECTOS ÉTICOS E BIOÉTICOS E OS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

Por se tratar de um momento bastante delicado na vida de todos aqueles que estão envolvidos com um paciente em estado terminal, é importante evidenciar que todo o trabalho direcionado a ele deve sempre estar baseado em princípios éticos e morais. Isto significa que os profissionais envolvidos nos cuidados paliativos precisam atuar levando em consideração os princípios, valores, sentimentos e emoções que cada um traz dentro de si, de modo que haja um equilíbrio entre a razão, a emoção e os sentimentos.

Com isso, tem-se a bioética, que, conforme ressaltado por Botossi (2021, p. 6), “tem função em nortear a conduta humana frente aos conflitos morais diante do cuidar, contribuindo para uma assistência alicerçada no respeito e na dignidade humana”. Desse modo, são princípios da bioética: autonomia, beneficência, não maleficência e justiça.

A autonomia, de acordo com Félix et al. (2014), está relacionada à capacidade de uma pessoa decidir o que é melhor para si mesma. A beneficência é fazer o bem ao paciente e a

maleficência diz respeito ao profissional de saúde não causar nenhum tipo de dano ao indivíduo doente. O princípio da justiça está relacionado à igualdade de direitos, de maneira a oferecer a cada pessoa o que lhe é devido, segundo as suas necessidades.

Quando uma pessoa é acometida por uma doença ameaçadora ou limitadora, são definidas duas fases distintas: fase inicial da vida, que tem a ver com a prevenção e cura, até o momento onde a morte acaba se tornando uma certeza. Nessas etapas, o valor ético secundário está na não maleficência que, neste momento, permite que se criem medidas mais invasivas ao paciente, mesmo que causem mais sofrimento (MATSUMOTO, 2012).

A partir do momento em que se constata o estágio terminal de uma pessoa, os cuidados paliativos devem ser iniciados, no entanto, além das questões éticas, é preciso que este cuidado também esteja pautado em princípios, como:

- Alívio da dor e de outros sintomas angustiantes;
- Reafirmação da vida e aceitar a morte como natural;
- Não antecipar ou postergar a morte;
- Integrando aspectos espirituais e psicossociais do cuidado;
- Apoio para manter a vivência ativa quando de costume e quanto possível até a morte;
- Oferecer a abordagem da equipe na identificação clínica e psicossocial da família e da criança, incluindo suporte ao luto, se indicado (SERRANO, 2017 apud BOTOSSI, 2021, p. 7).

Nesse contexto, quando se verifica que a morte é inevitável e o paciente em questão não dispõe de sua capacidade intelectual para tomar decisões, isso acaba ficando a cargo da família, quando, então, o princípio da autonomia é exercido por eles. Assim, conforme preconizado pela *World Health Organization* (WHO, 2018), o enfermeiro, quanto está aplicando os cuidados paliativos, precisa ter em mente e seguir os seguintes princípios: o alívio da dor, afirmar a vida e considerar a morte como um processo natural, não apressar e nem adiar a morte, promover a integração entre aspectos psicológicos e espirituais, favorecer a vida ativa enquanto for possível, prestar apoio aos familiares durante o processo da doença e da morte e, acima de tudo, melhorar a qualidade de vida de todos os envolvidos.

Evidencia-se, nesse contexto, que, diante de uma doença incurável, todos os cuidados prestados ao paciente e à sua família devem estar baseados em princípios e em aspectos ético-legais, com o objetivo de oferecer todos os cuidados paliativos disponíveis sem empreender ações diagnósticas ou terapêuticas inúteis ou obstinadas, devendo considerar sempre a vontade expressa do doente ou, não sendo isso possível, dos seus familiares.

## OS PRINCIPAIS DESAFIOS ENCONTRADOS PELA ENFERMAGEM EM PACIENTES EM CUIDADOS PALIATIVOS

Mesmo sabendo que a morte é um processo natural e que todos os seres humanos, algum dia, irão passar por isso, ainda é um tema muito difícil de se abordar, tendo em vista que envolve questões não apenas relacionadas à saúde física da pessoa, mas também o emocional, o psicológico, o intelectual, social do paciente e dos seus familiares. É um momento muito delicado que exige cautela, delicadeza, paciência e consciência em se oferecer ao doente em estagio terminal, todo o conforto de que necessita para se sentir bem durante esse momento.

Assim, por mais que os profissionais da saúde tenham se preparado, tenham estudado e já tenham enfrentado diversas situações que envolvem a morte, afinal, a doença tanto pode estar perto da cura quanto da morte, ainda assim precisam de todo um aporte, de conhecimentos, de estrutura física e emocional para poder lidar com essa situação.

Os cuidados paliativos, nesse sentido, envolvem uma série de aspectos éticos, psicossociais, religiosos e culturais, de modo que, para que todas essas áreas sejam abordadas, faz-se necessária a formação de uma equipe multidisciplinar que atue de forma interdisciplinar. Essa equipe precisa estar preparada para aplicar a filosofia paliativa no local onde trabalha (MORITZ et al., 2008).

Por ser um cotidiano de trabalho que está sempre envolvido em riscos, os profissionais de saúde estão sempre trabalhando sob pressão e nesse cenário acabam encontrando obstáculos ao aplicar os cuidados paliativos. “[...] os profissionais cuidadores encontram dificuldades na tomada de decisão, na comunicação com os familiares, no controle da dor, entre outros” (BRAGA; QUEIROZ, 2013, p. 3). No entanto, uma das maiores dificuldades enfrentadas pelo enfermeiro nesse momento é o término de um longo relacionamento com o paciente. Além disso, há relatos de alguns profissionais sobre conflitos com os familiares, a morte inesperada e a impossibilidade de aliviar a dor como sendo grandes dificuldades perante à doença também (RUSHTON et al., 2006).

Ainda que a morte seja algo natural e certo, quando uma pessoa se encontra em estágio terminal de uma doença, ela passa a ser ocultada e a aprendizagem do papel de moribundo é restringida. Com isso, o morrer deixa de ser algo público e coletivo e passa a ser privado e individual. Nesse novo cenário, as unidades de saúde passam a investir em

tecnologias para combater e evitar a morte, “em detrimento aos sentimentos e aos questionamentos a ela relacionados” (BRAGA; QUEIROZ, 2013, p. 3).

O profissional da saúde, no ambiente hospitalar, acaba se tornando o responsável em lidar com todas essas questões relacionadas à morte, porém, enquanto estudantes, o ensino é preconizado e enfatizado com foco na vida, sendo a morte vista como um sinal de fracasso. Desse modo, percebe-se que estes profissionais não são preparados adequadamente, durante a sua graduação, para aprenderem a lidar com a morte de um paciente, pois, geralmente, é visto como um tabu (BERNIERR; HIRDES, 2007).

Sobre isso, Aguiar et al. (2006) dizem que, mesmo com a tentativa de distanciar o estudante da possibilidade de morte de um paciente, a prática profissional acaba fazendo com que ele se depare com a eminência de morte e com a morte cotidianamente, gerando uma série de sentimentos nesse profissional, que podem estar relacionados ao alívio, à angústia, à compaixão, à culpa, à frustração, ao medo, à impotência, à raiva e à tristeza.

O enfermeiro, quando lida com um paciente terminal, e tem a incumbência de aplicar os cuidados paliativos, está diante de um cenário de possível morte e isso, de algum modo, afeta a sua prática profissional. Assim, evidencia-se a necessidade da criação de objetivos terapêuticos para serem trabalhados durante a formação e educação desses profissionais, de modo que consigam aplicar os cuidados necessários e enfrentar a situação com uma maior e melhor estrutura física, emocional e psicológica (KÓVACS, 2010).

Aliado a isso, também se evidencia uma escassez de discussões que tratem sobre as etapas do desenvolvimento terapêutico no âmbito do paliativismo, o que acaba incorrendo em uma assistência pouco qualificada quando analisada sob uma visão da especificidade de condutas que se julgam necessárias a essa prática. Assim, os profissionais sentem falta de atividades de educação continuada para a sua qualificação profissional, o que torna ainda mais difícil a implementação de uma assistência integralizada, reiterando o fato de que a educação, a assistência e o cuidado em enfermagem ainda estão sendo negligenciados (COUTO; RODRIGUES, 2020).

Ainda há queixas em relação ao atendimento relacionado às necessidades espirituais dos pacientes, pois muitos profissionais da enfermagem relatam não se sentirem preparados para abordar esse assunto na fase final de vida do paciente, indicando uma forte necessidade de se fortalecer o assistencialismo por meio do diálogo.

Couto e Rodrigues (2020) também relatam que alguns enfermeiros não possuem conhecimentos e experiências suficientes para analisar o quão doente está o paciente, de maneira que, em alguns casos, há o encaminhamento tardio de pacientes com doenças crônicas aos serviços de cuidados paliativos, especialmente devido a uma comunicação ineficiente ou inexistente entre profissionais-pacientes/profissionais. Esse problema acaba afetando sobremaneira a relação do enfermeiro com o paciente e sua família, pois, em alguns casos, tentando evitar falar da doença ou da eminente morte, o enfermeiro prefere se calar ou se distanciar do contato com essas pessoas.

Diante de todos esses aspectos, infere-se a necessidade de se abordar este tema com mais frequência nos ambientes de saúde, tendo em vista que os profissionais de enfermagem são os que acabam tendo uma maior proximidade com os pacientes e, com isso, estreitando as relações com ele e com sua família. Nesse sentido, os desafios ainda são muitos e bastante complexos nesse cenário, reiterando o fato de que os cuidados paliativos precisam ser evidenciados com mais frequência, pois são fundamentais para que o paciente terminal possa ter uma qualidade de vida mesmo que seja por pouco tempo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tratar de questões relacionadas aos cuidados paliativos é sempre um tema bastante complexo porque está diretamente relacionado à morte, algo que a grande maioria das pessoas prefere não abordar, pois é vista como o fim de tudo. Quando se pensa nessas questões relacionadas aos profissionais da saúde é muito comum achar que, por eles vivenciarem a vida e a morte todos os dias em seu cotidiano, esses fatores sejam fáceis de serem lidados por eles, no entanto, antes de serem profissionais da saúde, eles são humanos e também têm sentimentos.

Assim sendo, quando se fala em cuidados paliativos é importante ter em mente que se trata de oferecer ao paciente em estágio terminal, o melhor tratamento possível que vise amenizar a sua dor e o seu sofrimento, conforme preconizado por Botossi (2021), quando ele diz que esses cuidados devem ser oferecidos ao paciente, mas também aos seus familiares, para que tenham maior conforto e uma melhor qualidade de vida. São ações relacionadas não apenas ao bem-estar físico, mas também emocional e espiritual.

Nesse contexto, entende-se que a equipe de enfermagem é a que mais está próxima do paciente e de sua família e, por isso, precisa aplicar os cuidados paliativos sob um viés mais humanista em que, apesar de a cura não ser algo possível, a sua relação com o paciente não deve deixar de existir, tendo em vista que essa relação pode trazer benefícios para ambos, conforme enfatizado por Monteiro et al. (2014).

Para que os cuidados com esses pacientes sejam efetivos e com qualidade, Segóvia e Serrano (2017) relataram que a atuação do enfermeiro precisa estar fundamentada em quatro pilares: comunicação efetiva, sintomas adequadamente controlados, alívio do sofrimento por meio de ações e apoio à família durante o tratamento e o luto. São ações simples, mas que fazem toda a diferença para aqueles que estão envolvidos nesse processo difícil, pois, tanto o paciente quanto os seus familiares, passam a se sentir mais acolhidos, mais amparados, amenizando as consequências advindas desse processo.

Ainda sobre as questões de ética e bioética, Botossi (2021) ressaltou que elas têm a função de direcionar a conduta humana em relação a conflitos que envolvam a moral, de maneira que a assistência prestada seja sempre baseada no respeito e dignidade humana. Assim, é preciso que todo o atendimento realizado com o paciente terminal seja baseado nos princípios da bioética, que são: autonomia, beneficência, não maleficência e justiça.

1228

Sobre estas questões, viu-se que a ética e os princípios morais são ainda mais importantes em um cenário como este, pois envolvem, além de questões de saúde física, questões emocionais, espirituais, psicológicas, sociais, que, quando não atendidas devidamente, podem afetar diretamente os sintomas e a relação do profissional com os seus familiares.

Com tudo isso, entende-se que os cuidados paliativos tomam uma proporção expressiva em casos de pacientes em estado terminal, não apenas em relação ao tratamento dispensado a ele, mas também à família dele. Por isso, infere-se a necessidade de que os profissionais de enfermagem estejam preparados para este tipo de enfrentamento, para que saibam o que fazer, como fazer, quando fazer e onde fazer.

Na prática, porém, o que se vê é que a realidade nem sempre condiz com a teoria, ou seja, o enfermeiro aprende uma diversidade de conteúdos e temas relacionados aos cuidados com os pacientes, mas estes ensinamentos estão sempre voltados à preservação da vida. Por isso, quando precisam lidar com situações que envolvam a morte, sentem-se despreparados,

porque isso não é ensinado durante o curso de graduação, conforme relatado por Braga e Queiroz (2013), afirmando que os enfermeiros encontram dificuldades em tomar decisões, em se comunicar com a família, em controlar a dor, entre outras situações.

Mesmo entendendo que lidar com a morte deve ser um dos maiores desafios do profissional da enfermagem quando se trata de cuidados paliativos em pacientes terminais, há ainda outros fatores que contribuem para tornar esse processo ainda mais desafiador. A questão de uma educação continuada e formadora é algo que eles sentem faltam, porque, em alguns casos, o profissional acaba não tendo conhecimentos ou experiências suficientes para prestar uma assistência adequada e de qualidade, conforme relatado por Couto e Rodrigues (2020), reiterando o fato de que tanto esse atendimento quanto os cuidados em enfermagem estão sendo negligenciados.

Ainda se evidenciaram reclamações quanto ao atendimento às necessidades espirituais, informando que não se sentem qualificados ou preparados para prestar esse tipo de suporte ao paciente ou aos seus familiares, indicando uma necessidade latente de se fortalecer melhor a comunicação entre profissional e paciente/família.

Desse modo, pode-se perceber, por meio deste estudo, que o profissional de enfermagem ainda encontra muitas dificuldades nas questões relativas aos cuidados paliativos, tendo em vista que a morte ainda é um tema obscuro para eles, por mais que seu dia a dia esteja sempre sendo norteado por ela. Apesar de todo seu estudo, seus conhecimentos, eles não foram preparados para enfrentar a morte, mas sim para salvar vidas, então, quando se deparam com uma situação assim, ficam inertes e sem saber como agir.

Nesse sentido, reitera-se a necessidade de que estes profissionais tenham a oportunidade de ter uma educação continuada, de se prepararem para todos os eventos que podem ocorrer no seu cotidiano de trabalho, que recebam o suporte, a estrutura e o atendimento de que necessitam para poderem prestar uma assistência de qualidade para aqueles que se encontram em eminência de morte, bem como de seus familiares.

## CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo principal identificar e analisar os principais desafios encontrados pela equipe de enfermagem em relação a pacientes em cuidados paliativos, de modo a se obter informações que possam relatar como os enfermeiros estão

lidando com esse tipo de situação, como é o seu dia a dia e quais as principais dificuldades que encontram quando precisam prestar esses tipos de cuidados.

O estudo em questão mostrou que os cuidados paliativos estão se tornando cada vez mais importantes na vida das pessoas, pois são ações que permitem ao paciente em estado terminal de sua doença, ter uma maior sobrevida, ter conforto e uma maior qualidade de vida nos poucos momentos que ainda tem. No entanto, esses cuidados devem ser estendidos aos seus familiares, tendo em vista que uma situação dessas gera uma série de sentimentos que, na maioria das vezes, não são fáceis de lidar.

Assim, os cuidados paliativos não são aplicados somente aos pacientes, mas também aos seus familiares, de maneira que o profissional da enfermagem necessita ter condições físicas, psíquicas e emocionais para poder prover a esses entes conforto e bem-estar. Nesses casos, o importante é que todos os envolvidos nesse processo sejam amparados, sintam-se acolhidos, para que tudo ocorra da melhor maneira possível para o paciente.

O que se viu, porém, é que esse atendimento ainda passa por muitos desafios, principalmente porque, durante sua trajetória como estudante, o enfermeiro não é preparado para lidar com a morte. Tudo que aprende está relacionado à vida, em prover as melhores condições e tratamentos para que o paciente sobreviva e isso tem se refletido na prática profissional, pois se veem enfermeiros com sérios problemas em lidar com uma perda, gerando sentimentos como angústia, medo, insegurança, frustração, decepção, tristeza, que, de uma forma ou de outra, afetam a sua rotina de trabalho.

Além disso, também se verificou que, muitas vezes, não conseguem prestar uma assistência adequada e de qualidade porque não têm conhecimentos suficientes para isso ou são mal instruídos, acarretando um atendimento precário ao paciente e a sua família. Ou ainda, fazendo com que não tenham a dimensão do quão doente possam estar, acarretando um atraso no encaminhamento desses pacientes a um tratamento adequado à sua condição.

Diante desses fatos, evidencia-se que ainda existem muitas deficiências em relação à qualificação dos profissionais de enfermagem, principalmente em prepará-los para lidar com a morte e a terminalidade, reiterando a necessidade de se elaborarem mais estudos que discutam as estratégias para melhor enfrentamento dos desafios vivenciados pelos enfermeiros neste cenário. Por outro lado, também se ressalta a importância de que as unidades de saúde que atendem pacientes em cuidados paliativos desenvolvam e apliquem

estratégias para trabalhar os aspectos emocionais, psicológicos e espirituais de quem está na linha de frente do cuidado.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, I. R.; VELOSO, T. M. C.; PINHEIRO, A. K. B.; XIMENES, L. B. O envolvimento do enfermeiro no processo de morrer de bebês internados em Unidade Neonatal. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 19, n. 2, p. 131-137, 2006.

BERNIERR, J.; HIRDES, A. O preparo dos acadêmicos de enfermagem brasileiros para vivenciarem o processo de morte-morrer. *Revista Texto & Contexto Enfermagem*, v. 16, n. 1, p. 89-96, 2007.

BOTOSSI, D. C. O desafio do enfermeiro frente aos cuidados paliativos em pediatria. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 7, n. 6, p. 55949-55969, jun. 2021. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/download/30944/pdf>. Acesso em: 09 mar. 2022.

BRAGA, F. de C.; QUEIROZ, E. Cuidados paliativos: o desafio das equipes de saúde. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 413-429, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/HLHPVhxyfqk3kBvbFjxqMKc/?lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2022.

COUTO, D. S.; RODRIGUES, K. S. L. F. Desafios da assistenciais de enfermagem em cuidados paliativos. *Enferm. Foco*, v. 11, n. 5, p. 54-60, 2020. Disponível em: <http://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2021/04/Desafios-Assistenciais-Enfermagem-Cuidados-Paliativos.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2022.

DAVIES, E; HIGGINSON, I. J. *The solid facts: palliative care*. Copenhagen: World Health Organization (WHO), 2004.

FÉLIX, Z. C. et al. O cuidar de enfermagem na terminalidade: observância dos princípios da bioética. *Rev. Gaúcha Enferm.*, v.35, n.3, p. 97-102, 2014.

FOLEY, K. M. The past and the future of palliative care. *Improving end of life care: why has it been so difficult? Hastening Center Report*, Maryland, v. 35, n. 6, p. 42-46, 2005.

GUADANHIM, M. S. Cuidados paliativos e histórias de vida: a assistência à saúde na perspectiva dos usuários. 2017. Dissertação (Curso de Pós-Graduação em Enfermagem em Saúde Pública) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22133/tde-01122017-202134/publico/MILENASANCHESGUADANHIM.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2022.

IGLESIAS, S.B.O; ZOLLNER, A.C.R; CONSTANTINO, C.F. Cuidados Paliativos Pediátricos. *Revista Residência Pediátrica*, v.6, 2016, p.46-54 [Internet]. Disponível em:

<http://residenciapediatrica.com.br/detalhes/235/cuidados-paliativos-pediatricos>. Acesso em: 10 mar. 2022.

KÓVACS, M. J. Sofrimento da equipe de saúde no contexto hospitalar: cuidando do cuidador profissional. *O mundo da saúde*, v. 34, n. 4, p. 420-429, 2010.

KUBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer*. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MACIEL, M. G. S. Definições e princípios. In: R. A. de OLIVEIRA (Eds.). *Cuidados paliativos*. São Paulo, SP: Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, 2008.

MATSUMOTO, D. Y. *Cuidados Paliativos: conceitos, fundamentos e princípios*. Manual de Cuidados Paliativos. ANCP, ed.2, p.23-24, 2012. [Internet]. Disponível em: [https://drwqtxtsixzle7.cloudfront.net/53264426/09-09-2013\\_Manual\\_de\\_cuidados\\_paliativos\\_ANCP.pdf](https://drwqtxtsixzle7.cloudfront.net/53264426/09-09-2013_Manual_de_cuidados_paliativos_ANCP.pdf). Acesso em: 10 mar. 2022.

MONTEIRO, A.C.M.; RODRIGUES, B.M.R.D.; PACHECO, S.T.A.; PIMENTA, L.S. Atuação do enfermeiro junto a criança com câncer: cuidados paliativos [Nurses' work with children cancer: paliative care]. *Revista de Enfermagem UERJ*, v.22, n.6, p.778-783, 2014. [Internet]. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/15665>. Acesso em: 10 mar. 2022.

MORITZ, R. D.; LAGO, P. M.; SOUZA, R. P.; SILVA, N. B.; MENESES, F. A.; OTHERO, J. C. B.; AZEREDO, N. Terminalidade e cuidados paliativos na unidade de terapia intensiva. *Revista Brasileira de Terapia Intensiva*, v. 20, n. 4, p. 422-428, 2008.

1232

PESSINI, L. *Cuidados paliativos: alguns aspectos conceituais, biográficos e éticos*. *Prática Hospitalar*, São Paulo, v. 41, n. 7, p. 107-112, 2005.

PORTAL HSOSPITAIS BRASIL. *Cuidados paliativos: preservando a qualidade de vida em todas as fases da doença* 2021. Disponível em: <https://portalhospitaisbrasil.com.br/cuidados-paliativos-a-importancia-de-preservar-a-qualidade-de-vida-em-todas-as-fases-da-doenca/>. Acesso em: 10 mar. 2022.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

RUSHTON, C. H.; REDER, E.; HALL, B.; COMELLO, K.; SELLERS D. E.; HUTTON, N. Interdisciplinary interventions to improve pediatric palliative care an reduce health care professional suffering. *Journal of Palliative Medicine*, v. 9, n. 4, p. 922-933, 2006.

SANTOS, F. S. *O desenvolvimento histórico dos cuidados paliativos e a filosofia hospice*. In F. S. SANTOS (Ed.), *Cuidados paliativos: diretrizes, humanização e alívio dos sintomas*. São Paulo, SP: Atheneu, 2011.

SANTANA, J. C. B.; DUTRA, B. S.; OLIVEIRA, B. A.; MIRANDA, F. R.; BARROS, L. O.; CORDEIRO, M. A. Os princípios da bioética e o cuidar da equipe multidisciplinar na terminalidade da vida. *Nursing*, v. 14, n. 167, p. 209-215, 2012.

SAUNDERS, C. Foreword – Oxford textbook of palliative medicine. In: CLARK, D. Cecily Saunders: selected writing, 1958-2004. New York: Oxford University Press, 2006.

SECPAL – Sociedade Espanhola de Cuidados Paliativos. Guia de Cuidados Paliativos. 2012. Disponível em: <http://www.secpal.com/guia-cuidadospaliativos-1>. Acesso em: 10 mar. 2022.

SEGÓVIA, C.; SERRANO, M. Comunicação em situações críticas. Trad. Joel de Andrade. Porto Alegre: Hospital Moinhos de Vento, 2017.

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. Integrating palliative care and symptom relief into the response to humanitarian emergencies and crises: a WHO guide. Geneva: World Health Organization; 2018. Disponível em: <https://www.who.int/publicationsdetail/integratingpalliativecareandsymptomreliefintotheresponsetohumanitarianemergencies-and-crises>. Acesso em: 10 mar. 2022.